

# O primeiro dia da moratória

Foi um dia tenso para o presidente Sarney e todo o governo. Afinal, seria ontem que se conheceria a reação de nossos credores ao anúncio da moratória, feito sexta-feira à noite. Mas os primeiros sinais positivos não demoraram a chegar, por meio de informações de que as

agências de bancos nacionais no Exterior estavam operando normalmente e de que o mercado financeiro interno também reagia com algum otimismo, com alta nas Bolsas de Valores do Rio e São Paulo e queda nas cotações do ouro e do dólar. Sarney também recebeu, ao longo do dia,

informes de embaixadas brasileiras nas principais capitais do mundo dando conta de que o País não deverá sofrer represálias dos credores. Ao mesmo tempo, presidentes de países como Argentina, Venezuela e Uruguai telefonavam para transmitir a Sarney seus votos de solidariedade na decisão.

## Sarney, agora confiante.

Mas ele está irritado com as críticas "ideológicas"

Tenso, mas confiante. Assim estava o presidente José Sarney ontem pela manhã. Ele deixou o Palácio da Alvorada pouco antes das 9 horas, indo ao Palácio do Planalto cumprir uma agenda rotineira, onde não se previam reuniões, ou, sequer, despachos com os ministros da área econômica.

Para o presidente a decisão tomada sexta-feira foi a única possível. Antes que se repetissem os acontecimentos de 1982, quando o Brasil teve de negociar sem reservas e sem caixa, preferiu adotar a suspensão da remessa de divisas para o Exterior. Espera que o prazo seja o menor possível e confia que os credores externos saberão entender nossa posição. As negociações estão em curso. Nossa posição foi gerada pelas necessidades, não poderíamos continuar enviando recursos para fora, indefinidamente sem a contrapartida de dinheiro novo. Desde que assumiu a Presidência da República não entrou um dólar novo no Brasil, cotadas as remessas. Negociaremos com quase US\$ 4 bilhões de reservas em postura bem melhor que a do governo anterior.

Não está contra as críticas por mais veementes que sejam, quando formuladas no campo político, pela imprensa ou no Congresso. Houve má interpretação das palavras que pronunciou sexta-feira. Insurgiu-se, e chamou de traição, as críticas de evidente sentido ideológico, fei-

tas pelos que pretendem a desarticulação da democracia brasileira. Não pode aceitar que se divulgue estarem as reservas do Brasil no Exterior limitadas a 500 milhões de dólares. As cifras que apresentou em seu pronunciamento são reais e não há como contestá-las principalmente se é o chefe do governo que as apresenta, formalmente. Quando assumiu o Palácio do Planalto, as reservas eram de 7 bilhões e 800 mil dólares, constituindo uma injustiça dizer que foram dilapidadas. O governo as utilizou para pagar os juros e o serviço da dívida externa, o que, se continuasse nos levaria a zero. Por isso tomou a decisão de suspender as remessas.

Queixa-se de que enquanto fazemos indizível esforço para manter o maior crescimento econômico do planeta, só encontramos dificuldades lá fora. Os preços de nossos produtos de exportação continuam caindo, como o café, a soja, o munição de ferro e o aço. Disso seus críticos não falam, mas perdemos, nos últimos tempos, US\$ 4 bilhões. Para não citar as barreiras alfandegárias a nossos produtos. Acontece que precisamos importar, também e a conta, apesar do nosso crescimento, ia baixando. Assim, a opção não podia ser outra, o modelo da importação continua estava empobrecendo a Nação e dele já nos livramos.

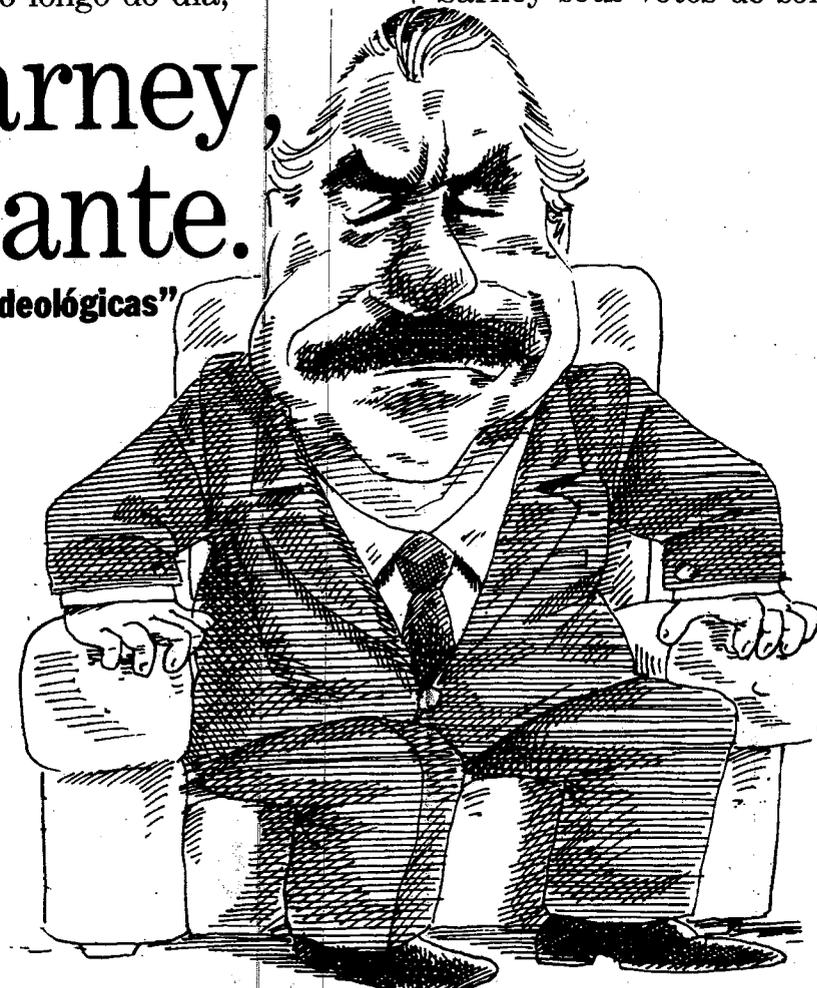
O presidente comenta, ainda,

que tomou a decisão dentro de um espírito conciliatório, sem pretender choques nem confrontos com ninguém. Poderia ter apelado para práticas populistas, mobilizando a população e enchendo ruas e praças, pois o apelo contra inimigos externos é fácil. Não o fez. Nunca foi de seu estilo.

Busca a unidade interna e espera conseguí-la. Afinal, existem dois Brasis, hoje. Torna-se necessário às regiões mais ricas reconhecer o que se passa à sua volta. Porque cada vez mais intensifica-se o êxodo para elas, aumentando a pobreza no restante do País. Apesar do crescimento econômico indiscutível, os desníveis regionais permanecem os mesmos ou estão piores do que há alguns anos atrás. O Brasil rico precisa reconhecer o Brasil pobre e lutar pela integração.

Não aceita a acusação de hesitar na tomada de decisões e lembra Roosevelt e De Gaulle, que em seus períodos de poder eram acusados da mesma coisa. Foram os que mais contribuíram para mudar a face de suas nações, e a história lhes faz justiça, hoje. Enquanto governaram, porém, recebiam críticas permanentes de indecisão. As medidas que um governo toma, principalmente na economia, tornam-se cada vez mais complexas. É preciso meditar muito.

A situação, para Sarney, está longe de ser sinistra ou catastrófi-



ca. Foi muito pior. Saímos de um congelamento de preço com obstáculos sérios a superar, começando pela inflação. Mas a inflação não surge, nem de longe, igual à de outros períodos. Será controlada dentro em pouco. Iniciativas estão por ser tomadas, esta semana, e outras virão, conforme a conjuntura.

Acha injustas as afirmações de que o governo nada faz para redu-

zir o déficit público. No ano passado foram cortados perto de 1 bilhão de dólares. Acresce que o déficit público não é só federal. O que importa é o Brasil continuar crescendo, não mais a 10 ou 12% ao ano, é claro, mas a 4 ou 5. Sua preocupação está em manter o nível de empregos e aumentar a renda social. Não há por que interromper os projetos em andamento. As inicia-

tivas que anunciou sexta-feira impedem que possa haver gastos sem o alocamento de recursos. Mas a Linha Vermelha, prevista para ser implantada no Rio de Janeiro, paralela à avenida Brasil, assim como a Ferrovia do Aço e a ligação ferroviária Norte-Sul, serão implantadas. Os recursos virão do setor privado, como ficou acertado. O capital particular será recompensado do seu investimento através de concessões e pedágio.

Outra observação do presidente refere-se ao Fundo Monetário Internacional. Definitivamente o Brasil não aceitará suas fórmulas recessivas. O capitalismo precisa seguir novos rumos, através de um consenso geral. Não dá para nenhum empresário continuar ganhando na venda, na estocagem, e pagando baixos salários. O governo não admite penalizar ainda mais os menos favorecidos. Essa determinação foi acentuada em seu diálogo com o presidente Ronald Reagan, em Washington, no ano passado. Não vê, por isso, como qualquer pessoa possa ter ficado surpresa com a suspensão temporária da remessa de juros. Seu ato abre nova etapa para as conversações com os credores. E foi adotado sem a menor preocupação de ver formadas frentes de devedores. Cada país tem suas peculiaridades e apresenta suas próprias soluções.

Carlos Chagas